

# Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,  
Rio de Janeiro,  
Museu Imperial, Petrópolis, RJ  
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:  
Roberto Conduru  
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de

**Livro de artista:  
da modernidade à  
contemporaneidade**

## Experimentalismo editorial: O Livro de Artista no NAC/UFPB

Fabricia Cabral de Lira Jordão  
ECA/USP

Marta Penner  
UFPB

### Resumo

Tomando como base uma pesquisa bibliográfica e documental, este artigo tem como objetivo apresentar e descrever as principais experiências editoriais, sobretudo a publicação e divulgação do livro de artista, do Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba (NAC/UFPB), no final da década de 1970 e início dos anos 80, tendo como referência, a mostra internacional de livros de artistas “Livre como Arte” – promovida pelo NAC/UFPB em 1978 na cidade de João Pessoa.

### Palavras-chave

NAC/UFPB, livros de artista, experiência editoriais

### Abstract

Based on a literature review and documentary, this paper aims to present and describe the main editorial experience, and related actions, the Center for Contemporary Art at the Federal University of Paraíba (NAC / UFPB) in the late 1970s and early '80s, with reference to international exhibition of artists' books “Free as Art” – promoted in Joao Pessoa 1978.

### Key-Words

NAC/UFPB, artists'books, editorial experiments.

O Núcleo de Arte Contemporânea foi criado pela Universidade Federal da Paraíba em parceria com a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) em 1978, momento em que se preparava a abertura política do país após 14 anos de ditadura militar. Nesse período a cultura de um modo em geral representava um campo estratégico para o Governo, que desenvolve uma política específica para esse setor e cria, dentre outros órgãos, a FUNARTE. Se por um lado o surgimento do NAC dentro da UFPB estava em completa consonância com as orientações da Política Nacional de Cultura criada pelo governo Geisel – sendo inclusive subsidiado financeiramente por um órgão federal, a FUNARTE – por outro teve a sua frente o crítico de arte Paulo Sérgio Duarte e o artista Antonio Dias<sup>1</sup>, que foram responsáveis não só pela concepção do projeto como pela divulgação do Núcleo entre os artistas e instituições do eixo Rio/São Paulo.

Já no campo das Artes Visuais temos, no âmbito institucional, dois importantes acontecimentos em 1978, ano em que o NAC é criado: o incêndio no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (que fica fechado de 1978 até 1982) e a saída de Walter Zanini do Museu de Arte Contemporânea da USP. Nesse sentido, Antonio Dias em depoimento a Roberto Conduru afirma “o MAM do Rio havia incendiado, não havia um lugar, digamos, experimental. Paulo Sérgio Duarte e eu começamos a trabalhar para criar o Núcleo de Arte Contemporânea na UFPB”<sup>2</sup>.

Diante desse contexto e com os amplos recursos vindos da FUNARTE percebemos o surgimento de um novo espaço para a arte contemporânea e para o experimentalismo numa região que tradicionalmente permanecia à margem do eixo Rio – São Paulo e que naquele momento de transições institucionais e política oferecia aos artistas toda uma infra-estrutura para o desenvolvimento de propostas e pesquisas artísticas. Em sua sede, a partir de 1979, o Núcleo possuía suítes para artistas convidados (quando ainda não se falava de residências artísticas); ateliê de litografia (único existente no Nordeste); ateliês para práticas artísticas diversas; sala para cursos, palestras e conferências; uma pequena biblioteca e um laboratório completo de fotografia.

Em novembro de 1978, antes mesmo de ter uma sede, o NAC desenvolve sua primeira ação e já começa “internacionalizando o programa”<sup>3</sup>. Nesse sentido, realiza uma mostra internacional de livro de artistas na Biblioteca Central da UFPB: a exposição Livre como Arte<sup>4</sup> “com publicação de Hans-Peter Feldmann, Christian Boltanski, Giuseppe Chiari, Iole de Freitas, Waltercio Caldas, entre os tantos artistas”<sup>5</sup>.

1 Antonio Dias permanece no NAC/UFPB por cerca de seis meses e Paulo Sérgio Duarte cerca de um ano. Ver CORDULA, Raul. A experiência renovadora do NAC no campo da extensão universitária. In: Gomes, Dyógenes Chaves. Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba – NAC, Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. p. 13 a 20. [p. 18-19].

2 Ver CONDURU, Roberto; RIBEIRO, Marília André (Orgs.). *Antonio Dias: depoimentos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2010. p. 29.

3 Ver CONDURU, Roberto; RIBEIRO, Marília André (Orgs.). *Antonio Dias: depoimentos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2010. p. 30.

4 A Exposição foi realizada durante o período de 27/11/78 a 28/01/79 na Biblioteca Central da UFPB. Posteriormente foi montada, no período de 05 a 21 de janeiro de 1979, no Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC) em Campina Grande.

5 Ver CONDURU, Roberto; RIBEIRO, Marília André (Orgs.). *Antonio Dias: depoimentos*. Belo Hori-

Apesar de não encontrarmos referências na historiografia nacional<sup>6</sup> sobre a mostra Livre como Arte, sua importância fica evidente quando tomamos como parâmetro a abrangente exposição Tendências do Livro de Artista no Brasil realizada por Anateresa Fabris e Cacilda Teixeira da Costa em São Paulo no ano de 1985. Com essa exposição pela primeira vez no Brasil se conseguiu mostrar uma considerável variedade<sup>7</sup> de livros de artistas, todos brasileiros. Dos 27 artistas brasileiros presentes na mostra Livre como Arte, 14<sup>8</sup> participaram da exposição Tendências do Livro de Artista no Brasil. Ou seja, aproximadamente 52% dos artistas que participaram da mostra Livre como Arte também estiveram presentes na exposição Tendências do Livro de Artista no Brasil, o que não é pouca coisa considerando que a mostra do NAC/UFPB foi realizada 7 anos antes da organizada por Fabris e Costa numa cidade como João Pessoa.

Também encontramos no catálogo da exposição Tendências do Livro de Artista no Brasil uma cronologia<sup>9</sup> que aponta a Exposição Internacional de Livro de Artista, realizada em 1979 no Recife por Paulo Bruscky (um ano depois da mostra organizada pelo NAC/UFPB), como sendo a primeira exposição desse gênero no país. Acredito que isso pode ter acontecido porque em 1985, ano da exposição, o Núcleo não tinha mais a mesma força dos três primeiros anos de sua atuação, já que desde 1982 por diversas razões vinha diminuindo sistematicamente suas ações. Outro fator que deve ter contribuído para essa afirmação é que a exposição de Paulo Bruscky teve um número mais expressivo de artistas (136 participantes)<sup>10</sup> e acredito que tenha sido mais divulgada, devido a articulação do artista pernambucano, que a organizada pelo NAC/UFPB.

Para divulgação da mostra foram utilizadas duas estratégias: envio de cartas-convite para diversos artistas e a divulgação em jornais locais e de várias regiões brasileiras. Nesse sentido, temos a publicação no Jornal da Bahia da matéria “Na Paraíba, uma leitura crítica do livro como arte”:

*Livro Como Arte é o título da exposição para o qual o NAC-Núcleo de Arte Contemporânea, da Universidade Federal da Paraíba, está convidando artistas nacionais e estrangeiros que tenham utilizado o médium livro com obra de arte. O objetivo é informar e possibilitar uma leitura crítica desse tipo de produção artística contemporânea. O público terá acesso direto, na mostra, ao manuseio dos trabalhos expostos. [...] Os artistas interessados em participar*

zonte: C/Arte, 2010. p. 30.

- 6 Raul Córdula em texto sobre a atuação do NAC, escrito em 2004, apenas cita a mostra “Livre como Arte” como sendo a primeira realizada no Brasil. Ver: CÓRDULA, Raul. A experiência renovadora do NAC no campo da extensão universitária. In: GOMES, Dyógenes Chaves. *Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba/NAC*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004. p. 13-20.
- 7 Participaram da exposição 200 livros de artistas.
- 8 Os artistas são: Haroldo de Campos, Regina Silveira, Ivald Granato, Antonio Dias, Augusto de Campos, Julio Plaza, Katia Mesel, Artur Barrio, Carmela Gross, Tunga, Vera Chaves Barcellos, Edgard Braga e Sérvulo Esmeraldo.
- 9 TENDÊNCIAS DO LIVRO DE ARTISTA NO BRASIL. São Paulo: Editora do Centro Cultural São Paulo, 1985. 36p. Catálogo de exposição, Centro Cultural São Paulo. p. 19. Disponível em < <http://www.centrocultural.sp.gov.br/livros/pdfs/tendenciasdolivro.pdf> >. Acesso em Ago. 2010.
- 10 Até esse momento da pesquisa é possível dizer que participaram da exposição Livre como arte 51 livros, sendo 32 de artistas brasileiros e 19 de artistas europeus.

*devem enviar seus trabalhos para seleção até o próximo dia 22. Para cada livro enviado deverão também preencher ficha contendo os seguintes dados: nome do artista e endereço, editor (impressão e endereço), tiragem, número, se a edição esgotou-se ou não, data da edição, preço (incluída taxa de expedição), se se trata de doação aos arquivos do NAC e assinatura [...]¹¹.*

Assim, pouco tempo depois, os trabalhos, vindos de várias regiões começaram a chegar ao NAC. O objetivo da mostra era

*[...] informar e possibilitar uma leitura crítica do que se está fazendo neste campo [...] ao apresentar trabalhos de artistas que, utilizando o livro com suporte de arte, rompe com o estabelecido, ao mesmo tempo renova e amplia as possibilidades de comunicação artística¹².*

Ou seja, com essa ação o NAC/UFPB pretendia não apenas divulgar esse tipo de produção entre o público local, mas, sobretudo viabilizar o acesso e despertar o interesse dos artistas locais para esse tipo de produção. Na mostra não existiu nenhum tipo de restrição ou critério prévio para seleção dos trabalhos. Todos os livros enviados foram expostos, mesmo aqueles que chegaram depois de sua abertura oficial. Como podemos constatar na matéria “Exposição de livros inclui os paraibanos” de 03 de dezembro de 1978 onde se afirma “artistas de vários pontos do país estão enviando trabalhos a exposição¹³”, ou seja, praticamente uma semana após a abertura, continuava chegando livros de artistas que imediatamente eram inseridos na exposição.

A montagem da exposição consistiu no arranjo dos livros em cima de mesas ou, no caso dos álbuns, em fixar as folhas em painéis de madeira, de modo que favorecesse o manuseio e observação dos livros pelo público. Dois jornais do mesmo período oferecem versões opostas sobre a participação do público na mostra. No jornal “O Norte” encontramos a seguinte afirmação: “stands (sic) de vidro serão colocados no local, devidamente impermeabilizando, a fim de que as peças (livros, xilos, etc) não sejam tocados, vez que representam obras de real valor e que, com o descuidado manuseio, poderão ser danificadas¹⁴. Já no jornal “O Momento” pode-se ler “a exposição oferece ao público a oportunidade de participar ativamente da mostra, manipulando ou lendo os trabalhos apresentados¹⁵”.

Em pesquisas no acervo do NAC não foi localizado nenhum registro fotográfico¹⁶ em que aparecessem estandes de vidro protegendo os trabalhos, ao contrário, o público sempre aparece manipulando os livros. Indagado a esse respeito, Espínola, coordenador da mostra, afirmou que essa informação não pro-

11 JORNAL DA BAHIA. Na Paraíba, uma leitura crítica do livro como arte. *Jornal da Bahia*. Salvador, 18 out. 1978.

12 O MOMENTO. “Livro como Arte” amanhã na UFPb. *Jornal O Momento*. João Pessoa, 26 de novembro a 02 de dezembro de 1978.

13 A UNIAO. Exposição de livros inclui os paraibanos. *Jornal A União*. João Pessoa, 03 dez. 1978.

14 O NORTE. Livro como Arte lança nova proposta visual na Paraíba. *Jornal O Norte*. João Pessoa, 26 nov. 1978.

15 O MOMENTO. “Livro como Arte” amanhã na UFPb. *Jornal O Momento*. João Pessoa, 26 de novembro a 02 de dezembro de 1978.

16 Foram analisadas, no acervo do Núcleo, cerca de 40 fotografias da mostra.

cedia. Os únicos livros que não foram manuseados foram os que ficaram fixados em painéis e que por serem constituídos de folhas soltas podiam ser observados, seqüencialmente, em sua totalidade<sup>17</sup>.

Apesar do reduzido número de participantes, o conjunto exibido na mostra nos fornecia um panorama significativo dos livros de artistas produzidos ao longo da década de 1970. Nesse sentido, dentre outros participaram da exposição Haroldo e Augusto de Campos, Regina Silveira, Ivald Granato e Ulisses Carrion, Julio Plaza, Barrio, Carmela Gross, Tunga, Vera Chaves Barcelos, o alemão Hans Peter Feldmann, os italianos Giuseppe Chiari, Alberto Moretti, Luciano Bartolini e Maurizio Mannuci.

Após o fim da mostra todo o material foi doado para o acervo do Núcleo, passando a compor uma mostra permanente e um acervo de livros de artistas que era constantemente alimentado com o envio de livros por diversos artistas. Como podemos constatar em correspondência enviada por Silvino Espínola, vice-coordenador do NAC/UFPB, agradecendo ao artista Waltércio Caldas:

*Caro Waltércio (sic), o Núcleo de Arte Contemporânea agradece a gentileza das publicações gentilmente por você cedidas a êste (sic) Órgão, ao mesmo tempo que lhe envia as seguintes publicações por nós editadas: ALMANAC, FAC-SÍMILE (BARRIO), POLÍTICA: ELE NÃO ACHA MAIS GRAÇA NO PÚBLICO DAS PRÓPRIAS GRAÇAS (ANTONIO DIAS). Esclarecemos que suas publicações doadas, farão parte de nossa mostra permanente de Livros de Artistas "Livre como Arte" a disposição para consulta por artistas, estudantes e visitantes, sendo de real valor comunitário pela atualização constante da produção artística Contemporânea<sup>18</sup>.*

Essa iniciativa do NAC/UFPB de solicitar/receber livros de artistas para a formação de um acervo e mostra permanente no início da década de 1980 pode ser considerada como pioneira no âmbito institucional brasileiro, num momento que os livros de artistas no Brasil “embora numerosos, não são vistos regularmente; sua publicação é rara e a apreciação dificilmente ultrapassa um reduzido círculo de iniciados, artistas, poetas e bibliófilos<sup>19</sup>”. Nesse sentido, o Núcleo ao colecionar e disponibilizar todo esse material para consulta – retirando o livro de artista de coleções privadas – além de democratizar o acesso a um tipo de produção artística que poucas vezes estava presente em acervos públicos legitimava o livro de artista enquanto obra de arte autônoma.

Infelizmente, como consequência das inúmeras transições em sua coordenação, do abandono e do descaso com o bem público muito se perdeu ou foi

17 ESPÍNOLA, Silvino. João Pessoa, Paraíba, 28 mai. 2010. Não gravada. Entrevista concedida a Fabricia Cabral de Lira Jordão.

18 NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA. Ofício Nº 80/80. Carta enviada por Silvino Espínola a Waltércio Caldas. João Pessoa, 09 jul. 1980.

19 TENDÊNCIAS DO LIVRO DE ARTISTA NO BRASIL. São Paulo: Editora do Centro Cultural São Paulo, 1985. 36p. Catálogo de exposição, Centro Cultural São Paulo. Disponível em < <http://www.centrocultural.sp.gov.br/livros/pdfs/tendenciasdolivro.pdf> >. Acesso em Ago. 2010.

roubado, restando apenas 7<sup>20</sup> dos 51 livros presentes<sup>21</sup> na exposição. Hoje encontramos no acervo de livros de artistas do NAC/UFPB além dos já citados mais 7<sup>22</sup> livros de artistas, ou seja, do acervo adquirido ao longo das décadas de 1970 e 1980 restam apenas 14 livros no NAC/UFPB.

As ações do NAC/UFPB voltadas para os “livro de artista” não se limitaram a produção de exposições e aquisição de acervo. O Núcleo, a partir de singular parceira estabelecida com a gráfica universitária nos anos de 1979 e 1980 publicou pesquisas e livros de artistas. Com relação aos livros de artistas publicados pelo NAC/UFPB, ressaltamos não se tratava de meros catálogos de artistas ou publicações ilustrativas de exposições, mas híbridos, produzidos a partir de uma estratégia artística com herança nas vanguardas, porém retomada de forma resignificada pela arte experimental dos anos 70.

Ao imprimir livros de artista com tiragem média de 500 exemplares, todos em off-set, tanto os artistas-autores como a instituição cultural NAC/UFPB assumiam uma postura que vinha carregada de críticas aos tradicionais meios de difusão e produção da arte e abria um território livre para ações artísticas independentes, geradoras de obras-processos passíveis de rápida e ampla difusão.

Com relação aos livros “Fac-símile” e “Política: ele não acha mais graça no público das próprias graças” queremos propor que o fato de apresentarem o registro de trabalhos realizados anteriormente não os convertem num simples catálogo, uma vez que essas documentações são resignificadas sob o peso de uma nova intencionalidade da ação artística por meio do livro de artista.

Com relação a presença plástica do registro e do testemunho no livro de artista, Silveira afirma

*A primeira maneira do documento a se instaurar no livro (ou o inverso) é a que o faz conforma-se no tipo de relato pessoal ou catálogo. Não devemos confundir com os catálogos convencionais, que são dissertação gráfica sobre um artista e ou uma exposição. Trata-se aqui de uma peça ímpar, concebida pelo autor, que acompanha ou prolonga uma atitude. É o registro histórico de algum tipo de atividade plástica do artista, performática ou não, que pode existir sozinha ou acompanhada de outras formas<sup>23</sup>.*

Nesse sentido, a partir de determinados registros e de sua inserção conjunta num livro de artista, tanto Artur Barrio quanto Antonio Dias dão a ver os questionamentos e as relativizações dos conceitos e valores tradicionais da arte

20 Livros que participaram da mostra e que continuam no acervo do NAC/UFPB: Tatuagens (Edgard Braga); Pau de arara (Eduardo Barreto), Rhymes for lemons (Ian Hamilton Finlay); Caixa Preta (Julio Plaza e Augusto de Campos); Livro das transformações (Lula Cortês e Katia Mesel); Quem é o palhaço aqui? (Pedro Osmar); Ciclo (Vera Chaves Barcellos).

21 Até o presente momento da pesquisa indentificou-se a participação de 51 livros, no entanto, a partir da análise de fotografias e de relatos de pessoas envolvidas diretamente na mostra podemos afirmar que o número de participantes foi maior.

22 Karimbada, Pindorama, Pindorama 2 (os três de Unhandejara Lisboa); Alto retrato, 3x4 show (ambos de Paulo Bruscky); Fac-símile (Artur Barrio); Almanac (NAC/UFPB) e Política ele não acha mais graça no público das próprias graças (Antonio Dias).

23 SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. P. 94-95.

que seus trabalhos produziram ao longo da década de 1970. E é justamente nisso que reside a potência dos trabalhos, e diferencia-os dos tradicionais catálogos.

Em “Fac-símile”, através da acumulação de documentos e registros de trabalhos realizados anteriormente, o artista constrói uma teoria da arte onde além de questionar toda a tradição artística, aponta novas possibilidades e caminhos para a arte através os conceitos e idéias desenvolvidos ao longo de sua produção e processo artístico na década de 1970.

Nesse sentido, os elementos que compõe o livro seguem uma trajetória pré-concebida pelo artista. Suas páginas apesar de não estarem numeradas, apresentam uma documentação (registros fotográficos e textos/projetos do artista) em ordem cronológica, produzindo uma narrativa conscientemente construída que parte da performance “3 Movimentos” realizada em 1973 – onde o próprio corpo do artista é tomado como objeto, matéria, meio e espaço da arte – e culmina com a postura política, portanto crítica, do artista ao enviar uma carta-manifesto rompendo com o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e todo sistema por ele representado em 1978. No limite Barrio, em “Fac-símile”, explicita a autonomia e poder do artista não só para refletir e conceber sua própria produção como para questionar, transformar e ampliar o próprio sistema da arte.

Dessa forma, os trabalhos<sup>24</sup> reproduzidos no livro além de questionar e demonstrar o esgotamento de uma tradição artística, estabelecem um “novo paradigma, uma referência inaugural<sup>25</sup>”, fornecem outro caminho para a arte e para os artistas: é possível a ambos existirem e atuarem no espaço experimental e total da liberdade.

O registro do trabalho através de fotografias é encarado pelo artista apenas “no sentido de informação divulgação do mesmo [...]”<sup>26</sup>. Portanto, ao substituir a efemeridade de suas “situAÇÕES” pela perenidade do registro fotográfico e da documentação num livro de artista, podemos considerar que Barrio o faz não pela necessidade de transformar essa documentação numa obra de arte em si, mas pela possibilidade desses registros em conjunto atuarem como prolongadores de sua poética, como agentes deflagradores e multiplicadores de seus conceitos, idéias e propostas junto a um público mais amplo.

Já em “Política...” ocorre o deslocamento do artista para o gráfico e conseqüentemente da produção artística para a produção gráfica. Nesse sentido, a racionalidade e predominância de elementos gráficos remetem diretamente à produção industrial. Desse modo, Antonio Dias foge das tradicionais formas de reprodução artística em matriz de metal, pedra ou madeira e se apropria dos meios e modos de reprodução da indústria gráfica.

24 O próprio artista define sua produção como “trabalho” e não como obra de arte. Nesse sentido afirma “Reneguei as categorias em arte em função de uma maior abertura e conseqüentemente possibilidade de ação – inclusive a denominação *obra de arte*: envolta em pompa bastante duvidosa. Refiro-me ao que faço, apenas como trabalhos. Ver CANONGIA, Ligia (Org). Artur Barrio. Rio de Janeiro: Modo, 2002. p.147. Os trabalhos documentados no livro são: 3 Movimentos; 4 Movimentos; 4 Pedras; Metal/Sebo Frio/Calor; Áreas Sangrentas (1ª parte); Latas e a Carta-Manifesto de 01 de ago de 1978.

25 CANONGIA, Ligia (Org). Artur Barrio. Rio de Janeiro: Modo, 2002. p. 195.

26 BARRIO, Artur. Trabalho: 1970 Arte. In CANONGIA, Ligia (Org). Artur Barrio. Rio de Janeiro: Modo, 2002. p. 147.



Em “Política...” projeto, obra e registro se transformam numa coisa só, uma vez que o artista converte trabalhos realizados anteriormente com diferentes técnicas e suportes no elemento/desenho gráfico. Ao fundir do elemento gráfico as três instâncias do processo artístico, Dias problematiza e relativiza relação entre o produto artístico (obra de arte) e o produto gráfico (reprodução da arte).

No livro de Antonio Dias não há informações que não levem a associar as partes do livro a trabalhos realizados anteriormente, fato importante, pois suscita a sensação de negação em relação a uma narrativa documental seja ela qual for e com isso subverte o caráter informativo que tradicionalmente vinculamos à impressão gráfica.

Do mesmo modo, os registros fotográficos de suas performances estão maculados, corrompidas em sua neutralidade e em sua qualidade de captar o verdadeiro pela mancha gráfica. Aqui o artista se apropria do registro de performances anteriores para através da inserção do elemento gráfico produzir outro trabalho, evidenciando que o novo na arte ocorre sempre a partir de resignificações, apropriações e interpretações.

Por fim, resta dizer que tanto através da exposição “Livre como Arte” como das publicações produzidas pelos NAC/UFPB fica evidenciado não apenas o pioneirismo do Núcleo na difusão e produção do livro de artista, mas sobretudo o apoio dado aos artistas e as suas propostas experimentais no final da década de 1970.